



## Coletoras de sementes do Tapajós: mulheres, saberes práticos, relações de gênero e a floresta

### *Women collectors of seeds in's Tapajos: women, practical knowledge, gender relations and the forest*

**Rubens Elias da Silva**

*mytheores@yahoo.com.br*

*Orientador e autor. Professor Adjunto do Centro de Formação Interdisciplinar e Professor colaborador do Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará. Doutor em Sociologia pelo PPGS – UFPB.*

**Fernanda da Silva Bonfim**

*Bolsista PIBIC. Graduanda em Ciências Biológicas pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (ICED – UFOPA). Bolsista de Iniciação Científica pelo PROPPIT / UFOPA.*

**Marlison Nogueira Garcia**

*marlisonn@gmail.com*

*Colaborador. Graduando em Engenharia de Pesca do Instituto de Ciências e Tecnologia das Águas da Universidade Federal do Oeste do Pará (ICTA – UFOPA).*

## RESUMO

Este artigo procura investigar o papel das mulheres coletoras de sementes na construção de saberes práticos a partir do contato cotidiano com a floresta, tendo como *démarche* as relações de gênero como ponto nodal para a elaboração desse saber. O lócus da pesquisa é a comunidade do Maguari, localizada no interior da Floresta Nacional do Tapajós, no município de Belterra, oeste do Pará. As coletoras de sementes desempenham o papel de apreender, dominar e usufruir os recursos disponíveis na floresta. Esse papel efetiva-se num saber-fazer transmitido ao longo de gerações de mulheres coletoras, pois o contato estreito com a mesma, cunha a identidade do grupo social e lhes confere sentido de ser e existir. A propriedade comunitária da floresta – segundo observação em campo – passa a ser constituída através de relações sociais de cooperação entre mateiros e coletoras de sementes. Essa associação é fundamental para que o trabalho de coleta se efetive e possa oferecer a entrada de capital necessário para a reprodução social e, também, assegure a permanência de populações vivendo dentro da floresta. A partir do que foi visto em campo, as diferenciações existentes nas relações de gênero emergem no sentido prático de tornar exequível as tarefas de trabalho dentro da floresta, eclodindo em estratégias sociais eficientes de cooperação entre gêneros.

Palavras-chave: Mulheres. Saberes práticos. Gênero.

## ABSTRACT

This work investigates the role of women who are seeds collectors in the construction of practical knowledge having for a *démarche* gender relations as a nodal point for the elaboration of this knowledge. The locus of the research is the Maguari community, located inside National Tapajós Forest, Belterra, West of Pará. The collectors of seed play the role of apprehending, mastering and using resources available in the forest. This role turns into knowledge across generations. Therefore the close contact among themselves wedges the identity of the social group and gives them the sense of being and existing. Community ownership of the forest - according to our observations - is made through social cooperative relationships between woodsmen and collectors of seeds.



This association is necessary for the work of collectors to become effective provide the capital injection required for social reproduction, and also ensures the permanence of populations living within the forest. From what has been observed in the field, the existing differences in gender relations that emerge aiming to make tasks within the forest possible, leading to efficient social cooperation strategies between genders.

Keywords: Women. Practical knowledge. Gender.

## Introdução

Este artigo tem como interesse precípuo investigar o papel das mulheres coletoras de sementes na construção de saberes práticos a partir do contato cotidiano com a floresta, tendo como *démarche* as relações de gênero como artífice para a elaboração desse saber, fundamental para a obtenção dos recursos disponíveis na floresta. Esta investigação tornou-se possível por conta do projeto de iniciação científica “Técnicas de manejo de sementes na Floresta Nacional do Tapajós entre mulheres coletoras e a construção de percepções acerca de práticas sustentáveis no espaço natural”, apoiado pelo PROPITT/UFOPA. Desse modo, o que nos orientou como problemática de investigação e que tentamos responder, foram três indagações, a saber: como os saberes práticos são construídos e constituídos pelas coletoras de sementes, numa perspectiva de gênero? Por que a colaboração entre homens e mulheres no processo de coleta se faz necessária para a vida em grupo? Por fim, de que modo as relações de gênero, e seus mecanismos de diferenciação e dominação, estabelecem redes de cooperação?

O espaço da pesquisa é a comunidade ribeirinha do Maguari, localizada no interior da Floresta Nacional do Tapajós, no município de Belterra, oeste do Pará. Esta floresta é uma Unidade de Conservação Federal (UC) administrada pelo ICMBIO/Ibama, criada em 1974, numa área de 544 mil hectares, cobrindo quatro municípios. Na FLONA do Tapajós vivem cerca de nove mil moradores em vinte e nove comunidades, entre elas, o Maguari. A economia local é desenvolvida e voltada para a subsistência familiar. A agricultura familiar é a principal atividade econômica, com plantio de mandioca, frutas e feijão. O beneficiamento da mandioca para a produção da farinha faz-se presente e arregimenta a cooperação de familiares e vizinhos. A atividade pesqueira pode ser apontada como faina secundária – mas não menos importante –, que assegura as proteínas necessárias à dieta familiar. Outra atividade a ser elencada é a extração do látex para a produção da borracha e seus derivados. Por estarem inseridas numa Unidade de Conservação, as atividades produtivas são muito limitadas dentro da comunidade, o que torna imperativo o desenvolvimento de atividades socialmente sustentadas.

Com relação ao aporte metodológico, foram aplicados dois questionários na comunidade do Maguari: o primeiro teve como objetivo sondar dados dos entrevistados; o segundo, o aberto, estendeu questões mais focadas no tema da pesquisa. As entrevistas foram norteadas tomando como base o diálogo, no sentido de construir laços de confiança entre pesquisador e interlocutores. Foram consultadas três mulheres coletoras de sementes na floresta, que compreendem a faixa etária entre 31 a 60 anos. Essas mulheres trabalham em média há vinte anos na coleta de sementes, sendo que uma delas precisou se deslocar um período para Manaus para trabalhar com carteira assinada, o que sinaliza períodos de crise na atividade. A ocupação principal de todas elas é a coleta de sementes, porém apenas uma coletora tem o ensino médio completo. A renda mensal das mesmas oscila entre um e três salários mínimos. Devido ao





fato de viverem numa área de Unidade de Conservação, nenhuma das entrevistadas tem documento de posse de onde moram – todas vivendo em terra firme.

Tendo por espaço de investigação a floresta, a pesquisa teve como foco de trabalho as coletoras de sementes, mulheres que têm no seu trabalho a principal fonte de renda para o sustento da família. Foram registradas as histórias envolvendo o trabalho, o início na atividade de coleta, as dificuldades e a habilidade cognitiva para mapear os espaços e sinais da floresta (CHAVES, 1997), fundamentada num saber prático que organiza mentalmente o espaço de modo a identificar os riscos e perigos ali presentes. A tarefa da coleta de sementes envolve representações simbólicas, conhecimentos intergeracionais, adaptações às mudanças impostas pelo meio, adquiridos num processo social de aprendizagem. Com efeito, a integração dos pesquisadores na vida dessas mulheres foi determinante para o levantamento de dificuldades e conflitos existentes para que estas pudessem se construir como sujeitos, tomando como referência as relações de gênero a fim de compreender as particularidades do grupo investigado, suas práticas e simbolismo investido na organização do mundo social (DEBERT, 2011; NADEL, 2010). Vale salientar que essa integração dos pesquisadores deuse de modo a serem capazes de levantarem e comunicarem experiências de vida que vão além da trajetória particular das vidas dessas mulheres, oportunizando o descobrimento de práticas e discursos que dão sentido ao trabalho (ALBERTI, 2004; ESPINHEIRA, 2008), entendido como a esfera mais importante da dimensão da vida social.

A vida das mulheres que labutam na coleta de sementes faz parte de um contexto social e histórico da comunidade, uma vez que esta atividade é fundamental para a reprodução social dos moradores, dada as limitações específicas a atividades de exploração dos recursos da floresta e do rio, arbitrada por lei federal que rege as UCs. A metodologia empregada foi a observação participante, de modo a oportunizar uma verticalização dos investigadores no mundo social do trabalho das coletoras e, assim, ser possível a construção de uma etnografia sobre “mulheres da floresta”. A partir das observações em campo, serão discutidas as questões referentes sobre a construção dos saberes práticos através da mediação de gêneros numa perspectiva socioantropológica.

## Saberes práticos e o espaço da floresta: as coletoras de sementes

A floresta é um espaço “natural” apropriado pelas coletoras de sementes para o exercício de uma atividade laboral que requer conhecimentos práticos no sentido de extrair os recursos ali existentes. Desse modo, compreendemos que a atividade da coleta de sementes para a confecção de artefatos (bijuterias) requer determinadas habilidades cognitivas, verdadeiras cadeias de esquemas práticos de percepção que funcionam como instrumento de construção da realidade e divisão do universo em que elas se movem (BOURDIEU, 1999). Dito isto, as coletoras de sementes aprendem desde cedo a identificar as sementes mais resistentes, onde encontrar, em qual período do ano, período de perecibilidade; essa percepção opera no sentido de tornar a atividade possível, o que engendra um conhecimento profundo a respeito das dinâmicas ecossistêmicas da floresta, que se denomina etnoconhecimento. Os riscos da floresta (insetos, mamíferos, queda de árvores, entre outros) possibilitam uma divisão sexual do trabalho, elencando homens à incumbência de descobrir novos pontos de coleta e, principalmente, ir à frente das mulheres nos dias de coleta, abrindo caminhos e alertando-as de possíveis cuidados a tomar ao longo da trilha.

087

vivência43  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA





Inúmeras pesquisas apontam a importância da presença dos povos tradicionais na floresta amazônica como meio de conservação e preservação da mesma e, ao mesmo tempo, a garantia de reprodução do sistema social e cultural dos povos aí existentes (CASTRO, 2000; DIEGUES, 2000; BENCHIMOL, 1999). Sem dúvida, as coletoras de sementes desempenham o papel de apreender, dominar e usufruir os recursos disponíveis na floresta. Esse papel, segundo nossa investigação, efetiva-se num saber-fazer transmitido ao longo de gerações de mulheres coletoras, constituindo um processo de etnomanejo – fundamental para o conhecimento da organização e regime da floresta – pois o contato estreito com a mesma, cunha a identidade do grupo social e lhes confere sentido de ser e existir.

Entende-se, assim, por etnomanejo, as estratégias de uso e preservação dos recursos – aqui delimitados como os da floresta – disponíveis de modo a garantir a reprodução social da comunidade e a conservação da floresta. A convivência das coletoras de sementes com a floresta se dá através da mediação de um acordo com os homens (mateiros) da comunidade, pois as coletoras enxergam este espaço natural como perigoso e hostil, contato este efetuado dentro de uma “divisibilidade crítica”. Referimo-nos à divisibilidade crítica como a característica de a floresta ser e poder ser demarcada, mas a dinâmica própria do bioma redundante na incerteza na localização não só das zonas produtivas (MCKEAN; OSTROM, 2001), mas até do próprio trajeto de volta para a comunidade (aprofundaremos a questão adiante).

**Quadro 1** - Divisão de tarefas segundo gênero

	Atribuição da busca de novos pontos de coleta	Atribuição da tarefa de coleta das sementes	Atribuição de traçar caminhos ao longo da trilha na floresta
MASCULINO	X		X
FEMININO		X	

A propriedade comunitária da floresta passa a ser constituída, grosso modo, através de relações sociais de cooperação. A construção do espaço social organiza as práticas e as representações dos agentes, vistas aqui enquanto atividades de coleta de sementes, que passam a operar numa rede complexa de sentidos e significados obtidos a custo de um trabalho árduo e intenso (BOURDIEU, 1999). Segundo a própria fala das coletoras, sem a cooperação de outros agentes (os homens) na etapa da coleta – que não participam diretamente da confecção das bijuterias – tornar-se-ia inviável a atividade, em termos práticos.

Com isso, a ação das coletoras de sementes é mediada por um projeto cultural – o que as torna sujeito da e na floresta – que ordena a experiência prática, o cotidiano e a relação precípua entre eles (SAHLINS, 1976). As relações entre coletoras e espaço natural têm como objetivo a obtenção de recursos da floresta para beneficiamento e venda desses recursos como objetos artesanais (pulseiras, brincos, cordões, pingentes). Assim, a extração desses recursos objetiva a comercialização de pequena escala, tendo como principais clientes as pessoas que visitam a FLONA ao longo do ano. Os critérios que definem o valor comercial das sementes – resultando no valor de troca dos objetos artesanais – são dureza das sementes, dificuldade para encontrá-las na floresta e valor estético. Quanto mais duras, as sementes oferecem mais resistência ao desgaste ao longo do tempo; quanto mais difíceis de serem encontradas, mais incidirá no seu valor de troca final. Por último, o critério estético imprime valor

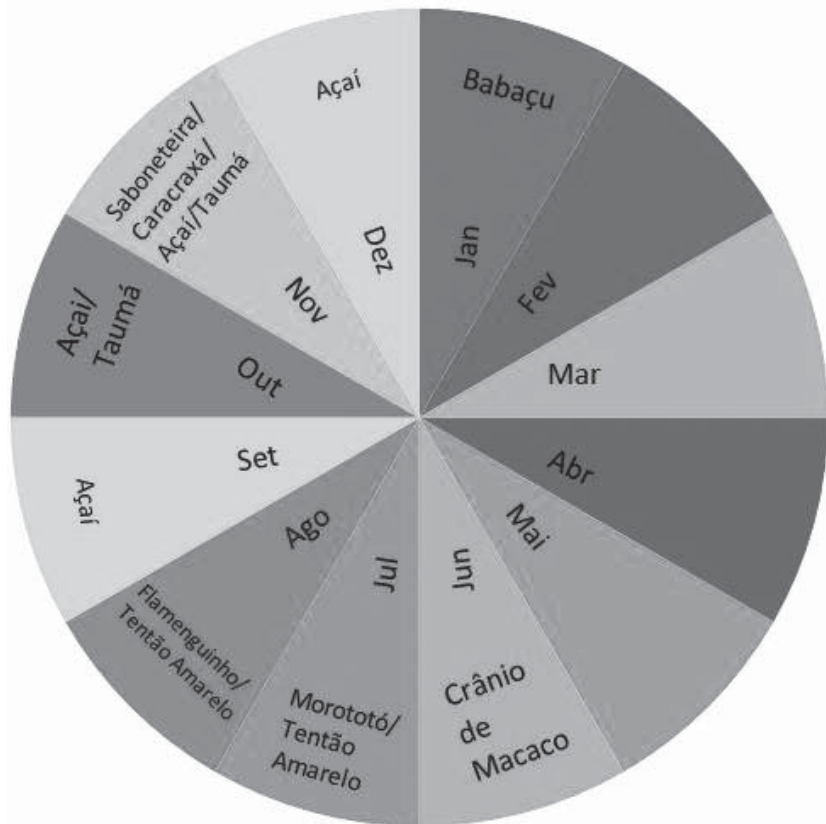




às peças, o que sugere, *par excellence*, que as determinações concretas de sua obtenção têm mais proeminência no valor final que as sugestões estéticas.

Após a obtenção das sementes, o beneficiamento das mesmas passa por algumas etapas fundamentais: coleta das sementes, retirada da “embalagem”, processo de cozimento das sementes – para a sua conservação – por três minutos, secagem e confecção das artesanias. De acordo com a observação em campo, pode-se afirmar que o impacto ambiental dessa atividade coletora é mínimo, ao mesmo tempo desempenha um importante vetor de captação de recursos financeiros para a reprodução social das famílias envolvidas. Com isso, informa que o manejo das sementes permite um modelo de sustentabilidade centrado em critérios socialmente referidos no tocante ao conhecimento local sobre as dinâmicas da floresta e os ritmos da natureza (LENZI, 2006). Constrói-se, a partir daí, um modelo de sustentabilidade que é tecido a partir de complexas relações entre agentes sociais e o meio natural, a saber, tipos de árvores e arbustos, sucessão de estações, regimes lunares etc.

**Figura 1** - Oferta de sementes ao longo do ano – Comunidade Maguari



O espaço da floresta e sua correspondente “humanização” desdobra-se numa relação de fixos e fluxos, altamente variantes, tomando como empréstimo as reflexões sobre o espaço, segundo Santos (2008). O universo do saber prático, seus encaminhamentos e realizações no cotidiano, é efetivado no sistema do pensamento (cognição) e ação, estando a floresta como espaço que dá sentido a esses engajamentos. Assim, os fluxos incorporam a dominação do espaço da floresta, seu entendimento e interpretação; a ação transformadora das coletoras na floresta incorpora o processo de retirar, descartar e selecionar novas sementes para o trabalho artesanal. Já os fixos compreenderiam a floresta, espaço onde a





biodiversidade estabelece diálogo com o culturalizado: os agentes e seus fluxos. Com efeito, eclode daí a sociobiodiversidade das mulheres da floresta, que nomeiam, classificam, domesticam a riqueza do espaço natural, culturalizando-o num *continuum* no processo histórico (DIEGUES, 2000).

As coletoras de sementes e os mateiros narram histórias de seres sobrenaturais que habitam os meandros da floresta, ora causando intenso medo, objetivados como “sinais”: ruídos das árvores que prenunciam a presença de animais encantados e seres fantásticos, o que possibilita a pensar a floresta numa dimensão dúplice: como algo dado, espaço natural a ser explorado e dominado e, finalmente, como espaço simbólico que exige dos frequentadores certa acuidade para interpretar e respeitar os desígnios ali existentes, e que são reforçados socialmente através das histórias contadas pelos mais velhos que vivem na comunidade.

Sem dúvida, esses saberes práticos constituem importante acervo cultural dos moradores do Maguari, tendo nas mulheres a protagonização na arte de confeccionar produtos a partir das sementes encontradas nos meandros da floresta. Deve-se pontuar, também, que esse acervo cultural é transmitido oralmente, ligando uma geração à outra no cuidado, aprimoramento e transmissão desse etnoconhecimento às gerações futuras. Ademais, a relação estabelecida com a floresta é permeada num conjunto de valores ético e morais, orientando quando e como explorar os recursos aí existentes. Em outro trabalho socioantropológico, podemos verificar a existência de um código moral para obter os recursos do manguezal entre as mulheres marisqueiras (SILVA, 2011). Conclui-se, então, que as populações tradicionais que mantêm uma relação estreita com o espaço natural, enxergam-no além da sua dimensão material, resultando num saber prático que aglutina as esferas do material e do invisível que compõem a realidade social (GODELIER, 1981).

## A tarefa dos mateiros na floresta

Como foi mencionado anteriormente, a coleta de sementes na floresta só é possível e exequível através da colaboração dos mateiros, cuja tarefa compreende desde a localização de novas árvores para coleta, a ida a pontos já conhecidos, o corte de arbustos que impedem a passagem do grupo rumo ao interior da floresta até a intervenção com o terçado – facão com lâmina de mais de 50 cm de comprimento – para afugentar animais de pequeno e médio porte que ofereçam perigo. A divisão sexual do trabalho é uma construção social verificável, também, em sociedades que estabelecem relações estreitas com o espaço natural, cuja organização social tem grau de complexidade menor – tomado aqui o sentido durkheimiano –, em que a solidariedade grupal está assentada em papéis e funções sociais racionalmente distribuídos (DURKHEIM, 2010). Num estudo clássico sobre comportamento de homens e mulheres em termos de temperamentos em sociedades da Nova Guiné, Mead (1979) cita o caso dos Arapesh, sociedade tribal que divide as atribuições de tarefas segundo divisão sexual do trabalho: aos homens, a faina de plantar lavoura e a derrubada de árvores, considerados um trabalho exaustivo e penoso; às mulheres, cabe a tarefa de plantar leguminosas, arrancar tubérculos e colher. Silva Neto (2012), ao estudar a dimensão sociocultural do trabalho extrativista do coco do babaçu realizado por quebradeiras, no Tocantins, percebeu que havia uma divisão sexual de tarefas na captação e quebra do babaçu: mulheres e homens participam da coleta do coco, principalmente nos núcleos familiares cuja única renda fixa advém da comercialização desse produto. Entende-se por divisão sexual do trabalho, o processo de relação social açambarcadas na base material e ideológica da sociedade – no nosso caso, o trabalho –, cuja divisão





do trabalho dá-se entre os sexos. Assim, a cooperação na esfera da produção dos artefatos derivados do babaçu reflete necessidades econômicas e sociais, absolutamente imprescindíveis à subsistência familiar. Conclui-se, assim, que a divisão de tarefas segundo gênero obedece a imperativos sociais de reprodução social, salvaguardados os contextos socioculturais em que essas sociedades estão historicamente circunscritas.

No caso aqui descrito, os mateiros – entrevistamos dois deles – pertencem a famílias vizinhas a casa das coletoras de sementes. Nenhum deles exerce o papel de marido ou familiar próximo, muito embora a noção de comunidade e família transcenda a que usualmente estamos inclinados a imaginar (HARRIS, 2006). A tarefa dos mateiros é estabelecida através do pagamento em dinheiro: geralmente orçado em cinquenta reais – dia. Sem dúvida, as exíguas oportunidades de trabalho remunerado – assalariamento – na comunidade são praticamente nulas, terminam encaminhando esses atores sociais ao ofício de mateiro, que converte sua tarefa numa possibilidade de conseguir capital – embora mínimo – para a sua reprodução social. Desse modo, a venda de artefatos artesanais – na comunidade existem duas lojinhas construídas com madeira e palha – possibilita às mulheres um capital capaz de estabelecer parcerias com os mateiros, sendo as mesmas protagonistas na relação entre gêneros, rompendo aquilo que Bourdieu (2014) aponta como estruturas históricas da ordem masculina, submetidas à ordem econômica. Acresce-se a isso, uma reelaboração da ordem social, comumente estabelecida numa divisão social do trabalho que legitima a dominância masculina na gestão econômica dos recursos e dos espaços de trabalho e suas oposições clássicas: mercado-casa, salão-cozinha. Em nosso caso em questão, as mulheres do Maguari protagonizam redes criativas de cooperação com os homens, beneficiando-se das atribuições historicamente construídas pela masculinidade hegemônica (LAGO; WOLFF, 2013).

A configuração social da cooperação entre gêneros em contextos da coleta de sementes na floresta, no Maguari, não tem intenção de minar os estudos clássicos de gênero que descrevem – justamente – as raízes sócio-históricas da dominação masculina sobre as mulheres. Pelo contrário. O que intencionamos apontar aqui é que, em padrões culturais localizados e singulares, os comportamentos sociais e suas instituições – entendidas enquanto estruturas – diferem entre si segundo determinações socioculturais, uma vez que as dinâmicas sociais se articulam de modos diversos, orientando-se conjuntamente em diferentes direções (BENEDICT, 2013). Sendo assim, as relações entre coletoras de sementes e mateiros sugerem novos acordos entre gêneros, reconstruindo essas relações sob novos contextos de ordem econômica, social e cultural.

## Gênero e trabalho: cooperando somos mais

O trabalho das coletoras e o auxílio de homens na conservação dessa atividade revelam que a dimensão laboral incide, via de regra, em relações sociais de gênero. A atribuição de atividades específicas segundo grau de “periculosidade e risco” informa que estes possuem aspectos relacionais e culturais da construção social do labor masculino e feminino (HEILBORN; SORJ, 1999). Desse modo, a forma como as coletoras se enxergam executando a atividade e atribuindo “valorações sociais” como perigo, conduz-nos a afirmar que esta valoração corresponde ao universo cultural, inscrito num dado histórico das relações de gênero – masculinidade/feminilidade (WOORTMANN, 1991; WOORTMANN, 1998).





É necessário afirmar que as condições dadas à nossa observação em campo das atividades da coleta de sementes, fizeram-nos considerar relevante a noção de gênero como categoria fundante das relações sociais que cobrem, a priori, o conjunto da vida social. A construção dos saberes práticos para extrair os recursos disponíveis na floresta obedece a critérios culturais de gênero que delegam labores a mulheres e homens, interligando-os à vida ativa. Às mulheres, cabem a tarefa de colher as sementes, selecioná-las, cozê-las e manufaturá-las para a comercialização ulterior. Seriam consideradas, grosso modo, atividades que requerem perícias atribuídas culturalmente ao feminino. Aos homens, as atividades rudes, das mãos, em princípio: portar facões, cortar galhos de árvores ou arbustos que obstruam a trilha, matar animais peçonhentos, entre outros.

Woortmann (1991), ao estudar o tempo e o espaço construídos pelas mulheres em comunidades pesqueiras, considerou estas duas categorias em criadoras de sentido na construção de identidades e gêneros, classificando os espaços sociais de domínios pertinentes a homens e mulheres. No Maguari, conforme a observação de campo, pode-se sugerir que as relações de gênero possuem certa similitude ao que foi debatido por Woortmann, uma vez que as relações de produção reconstróem as políticas de gênero consolidadas em âmbito doméstico. Mas essa reconstrução das relações de produção via relações de gênero instaura um novo espaço delegado às mulheres, seguindo duas frentes distintas: a primeira, a de que o trabalho das coletoras de sementes é importante para o orçamento doméstico, o que sinaliza a precariedade do salário obtido pelo trabalho masculino e a complementaridade econômica entre gêneros para a organização das despesas da casa, fenômeno social presente em outros espaços, como manguezais (DANTAS, 2012), mulheres indígenas, no Tocantins (MILHOMEM, 2012), seringais no Acre (WOORTMANN, 1998). A segunda, a emergência da figura da mulher enquanto sujeito capaz de produzir mercadorias capazes de assegurar a autonomia pessoal e reprodução social dos grupos em que estão inseridas.

Com efeito, as relações sociais desenvolvidas com o contato direto com a floresta, açambarcada dentro de um etnoconhecimento e manejo tradicional, proporciona a visualização das relações de gênero versus espaço natural como dimensão necessária para a compreensão da floresta como espaço socializado e vivido.

O ecofeminismo é um movimento social que inaugura nos anos noventa do século passado a elaboração de princípios e ética para os seres humanos em relação ao meio ambiente. Este movimento político opera no sentido de dispor a mulher e a natureza contra formas de opressão social, historicamente delegadas e agenciadas pelos homens (DI CIOMMO, 1999). Com isso,

“o ecofeminismo sugere, portanto, uma terceira direção: o reconhecimento de que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto da cultura, podemos conscientemente escolher a aceitação da conexão mulher-natureza, participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da doação da vida tem consequências profundas para a ecologia e as mulheres” (KING, 1989, p. 24).

Esse movimento político e social foca-se detidamente na relação da mulher com a natureza e os saberes que daí resulta. Em “A Dialética do Esclarecimento”, Adorno e Horkheimer apontam que o processo histórico e cultural do homem, ao se separar da natureza através do uso da *ratio*, domina a natureza para dela explorar os recursos até à exaustão e, em seguida, o domínio opressor da mulher no âmbito das relações sociais no nível público e doméstico (ADORNO; HORKHEIMER, 1970), o que Morin denunciou como essa dominação gerou







sujeição e novos processos de manipulação e subjugação dos humanos pelos humanos, cada vez mais o campo da técnica ditando o ritmo social à lógica do matadouro (MORIN, 2010). É contra esse racionalismo que o movimento ecofeminista se volta: o movimento iluminista, ao observar a natureza apenas em sua objetificação e reificação, redundou numa sistemática depredação e/ou destruição de ecossistemas em todas as partes do globo. Por isso,

“o ecofeminismo trabalha com o conceito de gênero, e afirma que a mulher não é apenas diferente do homem, mas é distinta, dada a sua experiência concreta de vivência da condição feminina, que define a experiência, porque o enraizamento biológico origina e confirma a experiência social do gênero feminino, o que é reconfirmado na socialização e repassado pela predisposição genética” (DI CIOMMO, 2003, p. 424).

Assim, as coletoras de sementes, com seus saberes práticos utilizados para desbravar e reconhecer a densa floresta, reforçam a sensibilidade, a solidariedade e o zelo – socialmente cultivados e estimulados, numa perspectiva de gênero – pelo espaço natural.

“Essa postura cuidadosa e respeitosa pela floresta como espaço que assegura a sobrevivência do grupo e facilitador de ações sociais culturalmente relevantes, vivenciadas por mateiros e coletoras de sementes, pode dar a chave para compreendermos como esse saber prático instaura uma ecologia nova, onde aqueles buscam valores essenciais que deem sentido à civilização” (DI CIOMMO, 2003, p. 438).

Neste sentido, a associação entre mateiros e coletoras de sementes é fundamental para que o trabalho de coleta se efetive e possa oferecer a entrada de capital necessário para a reprodução social e, também, assegure a permanência de populações vivendo dentro da floresta. Assim, essa atividade aponta a complementaridade (WOORTMANN, 1991) entre homens e mulheres como necessária para a realização e recriação de saberes práticos. A partir do que foi visto em campo, as diferenciações existentes nas relações de gênero emergem no sentido prático de tornar exequível as tarefas de trabalho dentro da floresta, eclodindo em estratégias sociais eficientes de cooperação entre gêneros.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BENCHIMOL, S. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 1999.
- BENEDICT, R. *Padrões de cultura*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papi-rus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro R. Representações da natureza: os avisos da mata e os significados do rio. In: LIMA, Jacob C. et al (org.). *Trabalho, sociedade e meio ambiente*. João Pessoa: Edufpb, 1997. p. 213-223.
- DANTAS, V. M. C. Salmeron. Nas marés da vida: histórias e saberes das mulheres marisqueiras. p.159-169. In: LEITÃO, Maria do Rosário F. A.; CRUZ, Maria H. S. *Gênero e trabalho: diversidades de experiências em Educação e comunidades tradicionais*. Florianópolis: Mulheres, 2012.
- DEBERT, G. G. Apresentação. In: FERIANI et al. *Etnografia, etnografias*. São Paulo: Annablume, 2011.





DI CIOMMO, Regina C. *Relações de gênero, meio ambiente e teoria da complexidade*. Estudos feministas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ecofeminismo e educação ambiental*. Uberaba: Ed. Universidade de Uberaba / São Paulo: Conesul, 1999.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ESPINHEIRA, G. *Metodologia e prática de trabalho em comunidade - ficção do real: observar, deduzir e explicar - esboço de metodologia de pesquisa*. Salvador: Edufba, 2008.

GODELIER, M. O visível e o invisível entre os Baruya da Nova Guiné. In: CARVALHO, Edgard de A. (org.). *Godelier*. São Paulo: Ática, 1981.

HARRIS, Mark. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 81 – 108.

HEILBORN, Maria L; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira: sociologia*. São Paulo: Sumaré, 1999.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. *Dialéctica del Iluminismo*. Buenos Aires: Sur, 1970.

KING, Y. The ecology of feminism and the feminism of ecology. In: PLANT, J. *Healing the wounds: the promise of feminism*. Londres: Green Print, 1989.]

LAGO, Mara Coelho de Souza; WOLFF, Cristina Scheibe. Masculinidades, diferenças, hegemonias. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, 21 (1): 424. Janeiro-abril, 2013, p. 233-282.

LENZI, L. *Sociologia ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade*. Bauru/SP: Edusc, 2006.

McKEAN, M; OSTROM, E. Regimes de propriedade comum em florestas: somente uma relíquia do passado. In: DIEGUES, Antonio C.; MOREIRA, A. C. (org.). *Espaços e recursos naturais de uso comum*. São Paulo: NUPAUB/ USP, 2001.

MILHOMEM, Maria Santana F. S. Mulheres indígenas, sim. Professoras, por que não? Estudo sobre as representações de gênero e poder na comunidade Xerente. p. 57-68. In: LEITÃO, Maria do Rosário F. A.; CRUZ, Maria H. S. *Gênero e trabalho: diversidades de experiências em Educação e comunidades tradicionais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NADEL, S. F. Compreendendo os povos primitivos. In: FELDMAN-BI-ANCO, B (org). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Edunesp, 2010.

SAHLINS, M. *Culture and practical reason*. Chicago: Chicago Press, 1976.

SILVA, Rubens E. *Sob o olhar do Pai do Mangue: ensaio sociológico sobre a relação homem-natureza mediada por uma narrativa mítica*. João Pessoa: Editora Ideia, 2011.

SILVA NETO, Nirson M. Trabalho e tradição, ou porque as quebradeiras de coco babaçu lutam contra o carvão de coco inteiro. In: CARVALHO, Luciana Gonçalves; MILEO, Bruno A. Paracampo (org.). *Patrimônio cultural e direitos culturais na Amazônia: experiências de pesquisa e gestão*. Santarém: UFOPA, 2012. p.165 – 190.

WOORTMANN, Ellen K. *Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do nordeste*. Brasília: Série Antropologia, 1991.





\_\_\_\_\_. Família, mulher e meio ambiente no seringal. In: NIEMAYER, Ana M; DE GODOI, Emília Pietrafesa (org.). *Além dos territórios: por uma troca entre etnologia indígena*. São Paulo: Mercado das Letras, 1998. p. 1-50.



095

vivência43  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA

n. 43|2014|p. 85-95

